

## Entre o ensinar e o aprender: caminhos metodológicos para a compreensão de experiências urbanas

CRISTINA MARIA DA SILVA\*

**Resumo:** Através do trabalho de orientação de estudantes da graduação em ciências sociais, a antropologia tem sido para nós, uma das formas de conhecimento e ao mesmo tempo tem nos oferecido caminhos metodológicos para pensar as experiências urbanas, bem como trazer para a compreensão das cidades, os elementos culturais e as narrativas que compõem as suas práticas e vivências. A partir de dois trabalhos de orientação, no Grupo de Pesquisa: Rastros Urbanos temos buscado, através de diferentes perspectivas de investigação, outras referências de acesso às experiências urbanas: o universo do grafite, com suas grafias e narrativas, bem como os trajetos das pessoas em situação de rua e suas práticas alimentares para pensarmos a cidade. O trabalho nos instiga a compor a moldura narrativa das circunstâncias dos ensinamentos e aprendizados, diante dos quais buscamos compreender os sentidos da educação e dos agentes envolvidos: o docente-orientador e o estudante como pesquisador. Nos universos de pesquisa abordados, incluir as referências antropológicas, como campo de articulações teóricas e metodológicas, faz-nos refletir os processos de ensino e aprendizagem e das escolhas singulares de pesquisas e pensarmos sobre como olhamos para as cidades e como têm sido compostas nossas narrativas sobre elas.

**Palavras-chave:** Antropologia; Educação e Experiências Urbanas.

**Abstract:** By means of the supervision work with undergraduate Social Sciences' students, Anthropology has been to us a form of knowledge, at the same time when it offers methodological paths to consider urban experiences, to understand cities and the narratives and cultural elements forming its practices and lived experiences. Through two supervision works within the Research Group: Rastros Urbanos (Urban Tracks), we've aimed, through different research perspectives, other references to access urban experiences: the graffiti universe, with its graphics and narratives, as well as the trajectories of street people and their eating practices. The work drives us to compose the narrative frame of the circumstances of narratives and learning, which we face to understand the meanings of education and its agents: the professor-supervisor and the student as researcher. In the approached research universes, to include anthropological references as a field of theoretical and methodological articulations, makes us reflect upon the processes of teaching and learning and specific research choices, and to think about how we gaze upon cities and how the narratives about them are composed.

**Key words:** Anthropology; Education; Urban Experiences.



\* **CRISTINA MARIA DA SILVA** é Professora do Departamento de Ciências Sociais – UFC. Coordenadora do Grupo Rastros Urbanos cadastrado no Diretório de Pesquisas do CNPq.

*Deixe-me pensar: eu era a mesma quando me levantei hoje de manhã?  
Estou quase achando que posso me lembrar de me sentir um pouco  
diferente. Mas se eu não sou eu mesma, a próxima pergunta é: 'Quem é  
que eu sou?' Ah, essa é a grande charada!*  
Lewis Carrol.



Foto da autora

Para discutir e compreender as experiências urbanas na atualidade, através das dinâmicas entre os grupos em suas coesões e conflitos, é preciso buscar compreender suas narrativas e histórias e como elas garantem a configuração de territórios. Buscando compreender os imaginários urbanos, pensamos numa abordagem metodológica partindo da perspectiva dos que habitam a cidade e combinações conceituais como experiência, trajetórias, encontros e narrativas, que ampliem e nos faça pensar uma *antropologia nas cidades*. Uma perspectiva antropológica que dialogue com as biografias de seus transeuntes,

esteja atenta às suas fisionomias e relatos.

Para pensar as cidades na contemporaneidade é preciso percebê-las para além de sua estrutura urbanística ou a crise de seus projetos civilizatórios, e observá-las em suas geografias cotidianas, acompanhar as narrativas que a fazem silenciosamente nas diferentes formas de experimentá-la. Partindo de uma concepção de uma antropologia nas cidades, propomos abordar etnograficamente as narrativas sobre a cidade, que se esboçam em narrativas orais, literárias e poéticas, procurando acompanhar os imaginários que elas projetam da experiência urbana.

Aproximamos neste Dossiê intitulado: *Paisagens Humanas em Experiências, Grafias e Narrativas*, trabalhos que tomam as diferentes grafias humanas como perspectivas para pensar no alargamento das narrativas sobre a sociedade e sobre a inscrição dos códigos culturais. Partindo, sobretudo, da Antropologia e da Sociologia buscamos redimensionar também as posições e experiências individuais e coletivas. As biografias são pensadas como fonte de análise e em como podem ser agenciadas e revelam as faces das lutas simbólicas. A fotobiografia tomada como uma proposta antropológica, mas também estética na construção de pesquisas e reflexões. Através de personagens reais ou ficcionais pensamos nos processos de heteronomia e autonomia dos sujeitos. Nos passos e nos rastros humanos encontramos os estímulos dos indivíduos que se cruzam com as experiências sociais e culturais e atravessam as cidades, suas formas e expressões, buscamos acompanhar essas práticas que são fugazes e efêmeras porque captam os movimentos da vida individual e coletiva, suas passagens e paisagens.

Pensar em cidades e modos de vidas urbanas é também pensar em cooperação e conflito, identidades e diferenças entre os diversos tipos de coletivo e suas interações e construções de fronteiras espaciais, culturais e zonas de contato. Múltiplas escalas de alteridade e dimensões do urbano se espacializam quando assim problematizamos o chamado “desenvolvimento urbano”. Diferentes encontros de contextos sociais fazem com que nos envolvamos com diferentes significados sociais, assim, é nas cidades que as experiências são narradas e construídas, elas são geografias narrativas. A partir de olhares sócio-antropológicos, etnográficos e ficcionais, propomos compreender a

cidade como espaço privilegiado para pensar espaços transnacionais e locais. Suas cartografias desvelam em suas paisagens situações de vulnerabilidade e os paradoxos entre a vida individual e coletiva, apontam a vida urbana como experiência e experimento das alteridades. Ampliam as dimensões do urbano, e auxiliam-nos a desconstruir a noção de “desenvolvimento”, porque nos colocam diante de embates sobre a mobilidade e a convivência nestes espaços, um dos grandes desafios contemporâneos.

Michel Foucault já nos colocou em alerta diante do fato de que a noção de desenvolvimento, “(...) permite descrever uma sucessão de acontecimentos como a manifestação de um só e mesmo princípio organizador.” (FOUCAULT, 2008, p.87). Quando sabemos que lidamos com descontinuidades, com práticas urbanas cotidianas que se fazem no falar, no andar e nos usos nas cidades.

Pensar a constituição da cidade associando elementos como a experiência individual, os trajetos em suas ruas, as quebras e descontinuidades nela existentes, evocá-la para além das planificações e geometrias. Descrever suas paisagens aliando a questão da linguagem, das narrativas, das experiências e da etnografia, ampliando assim, o enfoque das políticas públicas do ponto de vista teórico-prático, ou melhor, ampliamos suas questões para políticas de conhecimentos ou como conhecemos as relações sócio-culturais e como elas engendram o que chamamos de cidade.

Incluir a percepção dos signos, trajetórias e experiências que perpassam o cotidiano ao remontamos as configurações na constituição das cidades, repensamos os espaços, as noções de territórios, seus agentes, ações

e percebemos como esse tecido, quando visto de maneira inteiriça, é construído como lugar praticado de ações e trocas, sobretudo imaginárias. Para isso, torna-se imprescindível resgatar as “artes de fazer” e as grafias da cidade, seja nas narrativas, nos encontros, na prosa, na poesia, no cordel, nas imagens de postal, nas arquiteturas, o patrimônio local e as intervenções externas nas memórias do social e seus “espaços de recordação.” (ASSMANN, 2011). Considerar as narrativas das pessoas como formas de construção de uma “geografia de ações” (CERTEAU, 2009) que potencializam as os nossos olhares para as cartografias urbanas. Reconhecendo a linguagem como organizadora de passos e os rastros como enunciações para o conhecimento das experiências.

Tomamos assim, as noções de espaço, lugar, práticas cotidianas e narrativas, não como dados, mas como eixos que percorrem os fios “entramados”, da vida social, ou seja, os elementos que se dão em forma entrecruzada e composto ao mesmo tempo em tramas que tecem a vida cotidiana.

Como bem lembrou Lévi-Strauss:

Enquanto a sociologia se esforça em fazer a ciência social do observador, a antropologia procura, por sua vez elaborar a ciência social do observado (...) tentando então extrair um sistema de referência fundando na experiência etnográfica, e que seja independente, ao mesmo tempo, do observador e de seu objeto. (LÉVI-STRAUSS, 1996, p. 404).

Ora, o que Lévi- Strauss está ressaltando é que partir do ponto de vista do observador “permite extrair propriedades aparentemente mais rigorosas”, do que quando se implica ampliar a perspectiva para “outros observadores possíveis”. (LÉVI-STRAUSS, 1996, p. 404). Incluir outras referências, experiências e

observadores possíveis, é de certo modo deslocar os lugares do verdadeiro, do falso e do fictício, possibilitando outros acessos à interpretação da realidade social e cultural. A etnografia tem caminhando entre as ficções da vida social para se configurar como texto e leitura das culturas ou de suas artes de fazer. Contudo, o que está em jogo não unicamente o método, são as condições da prática antropológica, de como olhamos para as práticas culturais, no caso como olhamos para as cidades e nos localizamos nelas e em seus eventos e situações. Como incluímos os habitantes da cidade e suas ações nelas.

Este trabalho reflete as posições diante do trabalho de orientação em ciências sociais. A partir do Grupo de Pesquisas Rastros Urbanos, buscamos olhar para as cidades a partir das narrativas, grafias e trajetórias dos indivíduos e como seus movimentos se expressam nas práticas urbanas. Essa perspectiva foi incorporada pelos pesquisadores envolvidos e partimos no processo de orientação do ponto comum de que a cidade poderia ser pensada a partir das narrativas dos rastros das pessoas. Contudo, as singularidades de escolhas de temas, de enfrentamentos e dificuldades seguindo pessoas, ouvido suas narrativas foi tomado como imprescindível para pensar no processo de orientação também como propulsor no processo de formação de pesquisadores, mas, sobretudo, de construção de autonomia do olhar sobre a vida, não excluindo as experiências urbanas próprias de cada um da reflexão acadêmica pensando nas condições de exercício antropológico.

Entendendo os rastros como um método para pensar as cidades e suas práticas e experiências não olhando para os seus desgastes ou crises, mas a partir das narrativas, extraídas e refletidas, que a

concebem como um tecido vivo de sobrevivências, resistências e contrapontos de alteridades. O Rastro é “a aparição de uma proximidade”, (BENJAMIN, 2009, p. 490). Deixados, esquecidos ou reconhecidos são uma forma de olhar para o que as pessoas fazem, como grafam suas vidas e expressões nas cidades.

No exercício como pesquisadora diante da temática sobre as práticas urbanas e como orientadora passei a considerar relevantes as nossas próprias percepções na cidade, de que nossas percepções mudavam trilhando-a a pé, de ônibus, de carro, de skate, assim como as nossas aproximações e observações sobre as práticas urbanas. O exercício de orientação se construiu como uma descoberta de outras dimensões e percepções sobre a cidade de Fortaleza-CE, exercitando o meu olhar para a sensibilidade plural desses rastros na cidade, bem como das singularidades, competências e processos autônomos de meus orientandos diante da iniciação à pesquisa.

### **Grafando a cidade: imagens, trajetórias e narrativas**

Através de várias pesquisas escolhidas pelos estudantes de ciências sociais da UFC junto ao grupo Rastros Urbanos, podemos exercitar reflexões sobre o urbano em suas amplas e plurais dimensões. Tomando o grupo como um ateliê de olhares sobre o urbano. Foram e têm sido investigadas questões em torno do grafite, das pessoas em situação de rua, a trajetória de um repentista local, a história de um bairro a partir das narrativas de um dono de bar e as sociabilidades das pessoas neste espaço e da literatura como um universo para pensar o biográfico e as trajetórias do escritor e de seus olhares sobre a vida nas cidades.

As concepções sobre cidade têm sido combinadas com as noções de narrativas, grafias e trajetórias. Narrar etimologicamente significa contar, relatar, em espanhol *hacer a uno conoecedor*, em francês *faire connaître*. Contamos, relatamos, mas fazemos conhecer ou também aprendemos a conhecer através dos outros. Grafar significa escrever. Traçar. Mas cabe pensarmos se a grafia passa apenas pela escrita ou é antes um registro, uma inscrição? Num mural, numa pintura, na costura e escolhas de vestes, numa colcha de retalhos ou de fuxicos, na união de seus retalhos não estamos também grafando a vida e seus sentidos?

Tomar as trajetórias como um caminho, é perceber as trajetórias de uma cidade, de eventos, de uma pessoa, de um conhecimento. Do latim *trajectore*, trajetória é o que atravessa. Incorporando essas concepções ao conhecimento nas cidades que vivemos e estudamos, fazemos combinações que tomam os fragmentos individuais e suas grafias, as narrações impregnadas nos passos, nos rastros e nas falas como modulações imprescindíveis para observar e pesquisar alteridades nas cidades, acompanhando posições e movimentos.

A pesquisa “Grafando a cidade: imagens, trajetórias e narrativas no grafite em Fortaleza” de Ananda Andrade do Nascimento Santos teve elaboração atravessada pelas discussões fomentadas no grupo *Rastros Urbanos: Experiências, Encontros, Narrativas e Trajetórias*. A mesma consistiu em discussões acerca da utilização das grafias urbanas que se fazem presentes na cidade de Fortaleza como estímulos para aqueles que atravessam a cidade e da própria trajetória dos indivíduos responsáveis por estas como dispositivos e rastros que nos possibilitam etno-foto-

bio-grafar a cidade contemporânea em sua efemeridade.

A partir da trajetória de dois interlocutores e seus acervos de fotografias de Fortaleza, desenhos em cadernos e narrativas desencadeadas a partir destes, foram construídos arranjos fotobiográficos<sup>1</sup> da memória dos grafiteiros como resultado de tradução da experiência de pesquisa, associando-se biografia, fotografia e relatos como elementos sensíveis do fazer etnográfico.

A pesquisa aponta para uma ponderação sobre o lugar ocupado por aquele que pesquisa e de onde se constrói o olhar para a cidade e as teias da vida cotidiana constituídas em seu cenário, buscando compreender seus movimentos e tempos, suas ficções e distinções, sem a pretensão de capturá-la ou cristalizá-la. A perspectiva da degradação da cidade-conceito (traçada pela: unidade, homogeneidade e Identidade) e o outro caminho apontado por Michel de Certeau acerca para as práticas cidadinas de um modo menos totalizador tornam-se relevantes, pois acompanhar o grafite é acompanhar os procedimentos multiformes, resistentes, astuciosos e teimosos apontados por Certeau que, segundo ele, escapam à disciplina sem ficarem mesmo assim fora do campo onde se exercem e que “deveriam levar a uma teoria das práticas cotidianas, do espaço vivido e de uma inquietante familiaridade da cidade.” (CERTEAU, 1999, p. 175). O conceito de cidade como “território taxonomizável” através

---

<sup>1</sup> Referência à proposta metodológica da antropóloga Fabiana Bruno (2003) de reunir reflexões a partir de conjuntos de fotografias pessoais, escolhidos e montados por cinco pessoas idosas – homens e mulheres numa faixa etária de 80 anos. Nessa pesquisa, os resultados oferecidos pelos informantes foram representativos de suas histórias de vida e constituíram espécies de arqueologias existenciais.

de esquemas lineares e claros não deixa de ser uma espécie de terror diante do “incomensurável, o polisensorial.” Os praticantes nas cidades se desentendem das diretrizes desenhadas, pois: “o espaço desenhado não tem presenças. (...) o espaço real, não o concebido, conhece a heterogeneidade inumerável de ações e de atores.” (DELGADO, 2007, p. 14-15).

Em alguns momentos, como orientadora, notei que eu estava olhando os muros da cidade de outra forma; percebendo as grafias neles contidas, tomando anotações, pensando sobre elas. Sendo, portanto, afetada pelo processo de orientação, percebendo grafias e sugerindo como possibilidades reflexivas para a pesquisa. Como por exemplo: um muro presente no Bairro Benfica que notei por morar e transitar num sentido contrário ao caminho de minha orientada. A pesquisa passa a ser um processo de múltiplas interferências do olhar, mas também se torna imprescindível para o orientador minimizar seus centralismos e saber transitar pelos universos que seus orientandos lhe apontam como cognoscíveis e estimulantes para o pensamento e exercício da prática antropológica.

A pesquisa *Manguiá: uma etnografia das práticas alimentares das pessoas em situação de rua na Praça do Ferreira em Fortaleza-CE.*, de Mário Luís Moreira da Silva aponta de maneira sensível para as pessoas que vivem nas ruas, acompanhando suas estratégias de sobrevivência, para isso o caminhar pela cidade torna-se um modo de habitá-la, de acompanhar seus personagens. Manguiá é o ato de pedir, mendigar, uma das estratégias detectadas pelo pesquisador a partir das pessoas ouvidas sobre as suas práticas de sobrevivência nas ruas e também para a aquisição de

alimentos, mas também para a higiene, o descanso, o lazer.

A investigação aponta para as posições efêmeras dessas pessoas. A fotografia e a filmagem, quando possível, captam as suas histórias como moradores de rua, para os sentidos que as ruas ganham simbolicamente para elas. Essas pessoas também não podem ser vistas de modo uno, existem as que ficam na rua, as que estão nas ruas e as que são das ruas. Acompanhando-as em suas vivências é possível detectar as variações desses pertencimentos.

As mesmas ruas que são, para a maioria, lugares de passagem, tornam-se lugares de permanência, de lutas pela sobrevivência nas disputas pelos restos de alimentos colhidos nas ruas, como pelos fragmentos das cidades que conseguem ocupar. Acompanhando esse trabalho deslocam-se para mim os estereótipos (os tipos sólidos) sobre as biografias das pessoas em situação de rua, são pessoas que transitam na paisagem da cidade, são vistas muitas vezes, como invisíveis, mas são atuantes e plenas de narrativas, dramas, tragédias e sonhos como apontam os projetos Rio Invisível, São Paulo Invisível<sup>2</sup>, que através da fotografia e da escuta das narrativas das pessoas nas ruas, colhem nas suas biografias e as consideram como constituidoras de sentidos para as paisagens das cidades que os excluem, agregam, expulsam, afagam em processos diversos.

Em seu livro de ensaios *À Mesa com o Chapeleiro Maluco*, Alberto Manguel aponta Alice como uma “antropóloga amadora”, pois ela supõe que ao entender as convenções do País das Maravilhas poderá compreender a lógica

do comportamento de seus habitantes tentando se portar à mesa com um pouco de razão e de boas maneiras. Contudo, ao tentar encontrar respostas inteligentes para as perguntas mesmo as mais absurdas, todo seu esforço é vão, e responde: “Na verdade, agora que você me perguntou”, diz ela, “não sei dizer-se...”. Então o Chapeleiro Maluco retruca: “Então devia dizer nada.”.

Tomando o exercício de Alice como um exercício diante da alteridade, posso pensar que às vezes diante do processo de orientação é preciso também fazer calar nossas certezas e saber olhar para o outro pelo o que ele é e pelas situações que apresenta, pondo-nos a caminho com ele procurando outras perspectivas para o que refletimos, como também tomando o próprio processo de formação como um espaço para o relativismo, suprimindo os etnocentrismos de nossas concepções para ver surgir as autonomias do olhar.

Deslocar-se na cidade não é de modo algum uma atividade cotidiana banal, estas duas pesquisas me apontam que olhar os muros da cidade e o que se grafam neles, como acompanhar pessoas em suas apropriações da cidade vivendo nas ruas são formas de reconhecer como “podemos vislumbrar a possibilidade de outras experiências, outras vidas diferentes da nossa: outros mundos.” (CAIFA, 2007, p. 92) dentro da mesma cidade, apenas deslocando-nos de modos diversos, mas considerando outras perspectivas possíveis de apreensão na vida urbana. As ruas tomam outra dimensão: lugar de “circulação e dispersão”, lugar praticado de encontros com outros mundos, lugar de desconhecidos que encontramos de modo fugaz ou provisório, mas sendo afetados por eles; lugar também de encontro o inesperado e com a convergência de trajetórias.

<sup>2</sup> Disponível em:

<https://www.facebook.com/rio.invisivel?fref=ts/>  
[https://www.facebook.com/spinvisivel?hc\\_location=timeline](https://www.facebook.com/spinvisivel?hc_location=timeline).

Desse modo, para acompanhá-la é preciso que ocupemos esse espaço como uma “experiência de alteridade”, aliando como andamos pela cidade, por onde andamos, como a conhecemos e como queremos conhecê-la. Tomando os lugares comuns da análise e investigação de suas crises e desgastes ou movimentando-nos, sobretudo, com o olhar para acompanhar as narrativas que a tornam uma aventura pelas alteridades todos os dias?

A cidade não pode ser vista como homogênea, mas como uma aventura plural, não somos os mesmos durante uma pesquisa, reflexão e a escrita da mesma, nem as situações e sujeitos que olhamos. Bem como a paisagem que se monta diante do nosso olhar é parte dos artefatos que abordamos ao olhar. Essa paisagem não se restringe apenas a temáticas, no caso aqui o grafite e as pessoas em situação de rua, elas se movimentam com as biografias e experiências dos sujeitos que as encenam. Trata-se de uma antropologia nas ruas, que considera deslocamentos e estranhamentos. Com antropólogos circulando por elas, fazendo do seu cotidiano uma experiência de pesquisa, trazendo a importância da *urbs*, a cidade usada. As cidades até podem ser planejadas, mas o urbano não. “Se sonha com uma cidade digitalizada e se encontra com uma cidade manuseada, gastada pelas vidas.” (DELGADO, 2007, p.15), passeada por linguagens, astúcias, trajetos e corpos que comunicam e grafam as experiências e as práticas urbanas que compõem as cidades e as narrativas que tecemos sobre elas.

## Referências

- ASSMANN, Aleida. **Espaços da Recordação**. Formas de transformação da memória cultural. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.
- BRUNO, Fabiana. **Retratos da velhice** – um duplo percurso: metodológico e cognitivo. UNICAMP – Campinas, SP: [s.n.], 2003.
- CAIAFA, Janice. **Aventura das cidades**: ensaios e etnografias. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.
- CAROL, Lewis. **Alice no País das Maravilhas**. Petrópolis, RJ: Editora Arara Azul, 2002. Disponível em: [www.ebooksbrasil.org](http://www.ebooksbrasil.org). Acesso em 20. Ago. 2010.
- CERTEAU, Michel de. Caminhadas pela cidade. In: **A Invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, p. 169 – 191.
- DELGADO, Manuel. **Sociedades Movedizas**. Pasos hacia una antropología de las calles. Barcelona: Editorial Anagrama S.A, 2007.
- FOUCAULT, Michel. 1968 – Sobre a Arqueologia das Ciências. Resposta ao Círculo de Epistemologia; In: *Ditos & Escritos II. Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento*. 2ª edição, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. O Rastro e a Cicatriz: metáforas da memória. **Pro-Posições**-vol13.N.3(39) - set/dez, 2002.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. Capítulo XVII. Lugar da Antropologia nas Ciências Sociais e Problemas Colocados por seu Ensino. In: **Antropologia Estrutural**. 5ª ed. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1996.
- MANGUEL, Alberto. *À Mesa com o Chapeleiro Maluco*: ensaios sobre corvos e escrivainhas. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- SAADA, Favret. Ser Afetado. **Cadernos de Campo**. N. 13: 155-161, 2005.

## Filme:

*Colcha de retalhos*. Direção: Jocelyn Moorhouse. Universal Home Vídeo, 1995. (116m). Título Original: *How to Make an American Quilt*.

Recebido em 2014-12-05  
Publicado em 2014-12-10